

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

**LER PARA BEBÊS? A LEITURA COMO POSSIBILIDADE ESTRUTURANTE E
COMO FUNÇÃO SOCIAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA¹
READ FOR BABIES? READING AS A STRUCTURING POSSIBILITY AND AS
A SOCIAL FUNCTION IN FIRST CHILDHOOD**

Karina Gentile Machado Dos Santos²

¹ Projeto de Pesquisa realizado no Curso de Psicologia da Unijuí

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Email: karina.machado777@gmail.com;

INTRODUÇÃO

Por que ler para bebês, se eles não compreendem a decodificação da linguagem? Esta é uma questão que se coloca ainda muito presente, no entanto, é preciso que seja desmistificada, uma vez que nos últimos anos, diversos estudos investigativos do psiquismo ocupam-se a questionar concepções que entendem o bebê como um ser passivo, não levando em conta suas possibilidades de comunicação.

A literatura é um movimento transversal, que pode atravessar a vida de um sujeito no âmbito afetivo, social e cultural. A introdução da leitura na primeira infância, especialmente na faixa etária de zero a três anos, compreende a criança pequena na colocação em ato das primeiras experiências de leitura com adultos que mediam também suas primeiras vivências.

O presente trabalho propõe elucidar a relevância da leitura nesta etapa da vida, tanto como possibilidade de estruturação do sujeito-bebê a partir da sonoridade da fala e da mediação do outro nas narrativas, como também a leitura como função social para o desenvolvimento da criança pequena.

METODOLOGIA

A metodologia desta investigação é de cunho bibliográfico. O estudo foi desenvolvido a partir de sites da internet, revistas eletrônicas, artigos do site da CAPES e dissertações de mestrado, com base no referencial psicanalítico e em autores que se ocupam da temática, tais como: Corso & Corso (2006), Cabrejo-Parra (2014), e Bittens (2018).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O sujeito é efeito da obra de linguagem. O processo de apropriação desta já se inicia antes mesmo de nascer. Daí em diante há um mundo repleto de substantivos, adjetivos e verbos, com melodias, entonações, inflexões, ritmos, vindos da língua materna que vão se integrando, movimentando e dando forma a criança nesse processo de apreender o mundo e se inserir nele. "O adulto parece ajustar seu discurso à capacidade de recepção da criança: construção de frase simples, som agudo

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

da voz, onde o ouvido da criança discrimina melhor". (Marcelli & Cohen, 2016, p.122)

Ajustar-se ao discurso da criança em uma tentativa de comunicação, supondo que ali há um sujeito capaz de responder, é o que a psicanálise compreende como "mamanhês", referindo-se a sensibilidade e sonoridade da língua materna que se direciona carinhosamente ao bebê, "é a voz da mãe que fala com o filho e o chama a entrar na linguagem, aproximando-se das condições de apropriação dele: quando ela usa da prosódia ou do mamanhês, ou seja, quando ela fala". (MARCON, 2011, p.58)

"Um músico em estado puro" é como o psicolinguista colombiano Evélio Cabrejo-Parra define o pequeno bebê, que atraído pela voz materna desde a gestação, tem possibilidade de reconhecê-la logo ao nascer. Assim, o bebê é sensível a sonoridade da fala e da letra, apoiado na voz de quem o acompanha.

Antes de uma obra literária, seus personagens, cores e formas, está a voz de quem dedica seu tempo a contar uma história. Uma voz que entre suas entonações e melodias tem o cuidado de levar alguém a um lugar outro. Assim, consideremos pensar: em que consiste a leitura se não uma narrativa cuja linguagem é modulada por ritmos, melodias e entonações? Seja em forma de histórias, parlendas ou poesias.

Ao ler para um bebê, não se espera que este apreenda a história, mas que este possa se relacionar com a narrativa, pela via daquele que a constitui e a transmite, possibilitando identificações com sua própria história. A leitura neste contexto, é a abertura de um mundo interno do sujeito com muitas oportunidades de interagir com o mundo externo, a partir do que o conto lhe oferece.

Conforme Cabrejo-Parra (2014), "ao ler histórias para os "pequenos", damos a eles a chance de encontrarem nelas ecos de sentimentos que ainda não conseguem expressar, embora os experimentem com frequência. E assim começa para cada um de nós um mergulho num universo particular." (CABREJO-PARRA, E. 28.ago, 2014)

Do ponto de vista da psicanálise, um bebê logo ao nascer vivencia o desamparo, sentimento este que carregamos ao longo da infância e da vida adulta. Podemos observar em clássicos da história infantil que nos falam sobre estas experiências, como referem Corso & Corso (2006):

O que as crianças precisam, ao se inaugurar no mundo, é de um lugar aconchegante onde possam sentir-se bem-vindas. Patinho Feio passa toda a sua infância numa espécie de exílio e Cachinhos Dourados se desencontra com os objetos da casa dos ursos, dos quais esperaria obter algum bem-estar. Esses personagens nos lembram que não é fácil chegar ao mundo, começamos aos berros, e o desamparo ameaçados por um bom tempo. As crianças e suas famílias têm colaborado para a preservação dessas histórias centenárias porque elas são um retrato das primeiras lágrimas, daquilo pelo qual choramos antes, muito antes, de saber o significado do amor. (CORSO & CORSO, 2006, p.32)

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

"Contar histórias não é apenas um jeito de dar prazer às crianças: é um modo de ampará-las em suas angústias, ajudá-las a nomear o que não podia ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento: a ficção acaba sendo uma saída para que certas verdades se imponham." (CORSO & CORSO, 2006, p.18)

Recentemente foi elaborada uma obra infantil chamada "Meu pequenino" de Germano Zullo, onde busca-se narrar o sentimento materno de uma mãe para seu filho, relatando o quanto ela o ansiava. O início anuncia "Aqui está você, enfim. Eu te esperava. Meu bebê, meu menino, meu pequenino". O livro ilustra a sensibilidade da transmissão do amor e do desejo materno em forma poética e acalentadora.

São estas transmissões, que quando possibilitadas através de uma literatura tem a função estruturante de dar um lugar ao sujeito, de falar sobre uma história que lhe é própria, através de identificações. "Entre as heranças simbólicas que passam de pais para filhos, certamente, é de inestimável valor a importância dada à ficção no contexto de uma família. Afinal, uma vida se faz de histórias - a que vivemos, as que contamos e as que nos contam". (CORSO & CORSO, 2006, p.23)

No oferecimento de obras de qualidade para o bebê, este vai se familiarizando com as narrativas, com as imagens, com as formas, com os personagens e com as entonações. Na continuidade das atividades, o pequeno passa a criar expectativas em relação ao objeto-livro, o que proporciona a ampliação sua capacidade de elaboração e de imaginação. Ao mesmo tempo que, ao apontar e demonstrar ao outro seu interesse de leituras, desenvolve-se aos poucos o advento à oralidade.

Um bebê dificilmente vai estar estático frente a obra que lhe é oferecida, mas não quer dizer que ele não esteja atento ao que está sendo dito. Muito frequentemente os bebês levam os objetos a boca, movimento que, segundo Cássia Bittens (2018) faz parte do processo, pois é também, uma forma de apropriação. O ato de proporcionar que o bebê manuseie livros acessíveis a sua etapa do desenvolvimento, auxiliando-o a nomear diferentes personagens, formas e cores, introduz-se um mundo novo de possibilidades e de inserção na cultura.

Uma criança pequena, sendo uma pesquisadora nata, com capacidade de produções e elaborações de significados, necessita que lhe seja proporcionada um espaço de exploração, o que propulsionará sua capacidade de investigação, de imaginação e de criação para além de seu próprio espaço. O livro é um objeto cultural, que quando oferecido pelo outro tem a função de transmitir valores culturais, inserindo a criança na linguagem, e em direção a cidadania.

A literatura consiste em "ampliar as percepções para além do universo conhecido, alargar o olhar para o outro e para o mundo, reforçar a pluralidade e a diversidade" (PEZANI, 11.fev, 2019). Neste contexto, o contato com a leitura pode ser a ponte de comunicação do bebê com o mundo, produzindo tanto movimentações subjetivas, como inserção cultural. "O livro é um objeto que necessita do contato com o ser humano para se transformar em um objeto de cultura. Ao mesmo tempo, uma das funções da leitura na primeira infância é permitir que o bebê ultrapasse o sujeito

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

físico e alcance o cultural.” (CABREJO-PARRA, 28.ago, 2014)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bebê é um intérprete do mundo, ele interpreta o que lhe é transmitido, comunicando-se através do corpo, por meio da expressividade, dos gestos, da postura corporal. É inteiramente receptivo a comunicação, o desafio é que haja um outro que lhe reconheça como capaz, direcionando-se a ele.

Neste contexto, a psicanálise nos permite pensar que a apresentação de leituras nesta etapa da vida, oferecidas como possibilidade de vinculação através da mediação de um outro, constituem-se como uma forma prazerosa de introduzir a criança em uma história que lhe é própria, o que se configura como estruturante e fundamental na primeira infância.

Assim como, também assume um caráter social, uma vez que as narrativas contemplam transmissões e valores civilizatórios, que possibilitam a inserção cultural da criança de forma lúdica, respeitando suas potencialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENS, C.M.R.V. O universo literário ao alcance daqueles que ainda não leem: tendências contemporâneas da literatura para bebês. Dissertação de mestrado. Programa de Estudo Pós-Graduados em Licenciatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, BRASIL, 2018. 102p.
- CORSO, D. L. & CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- Marcelli, D., & Cohen, D. (2016). Infância e Psicopatologia. Porto Alegre: Artmed
- MARCON, Heloísa. Notas do Infantil. In: O infantil na Psicanálise. APPOA, n40. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2011.
- Muito além do livros de pano: o que ler para bebês?. Lunetas. 21 jul.2017.
- PARRA, Evélio Cabrejo. Leitura na primeira infância é essencial para a construção do sujeito. Nova Escola, São Paulo, n. 259, Jan./Fev. 2014. Disponível em: <https://cursos.novaescola.org.br/curso/11/leitura-para-bebes/101/por-que-ler-para-bebes> .Acesso em 28 jul.2019.
- PEZANI, Renata. Como (e onde) escolher livros de qualidade para as crianças?. Lunetas. 11 fev.2019.